**Caso nº 2 Conflito entre os pais e o adolescente.**

A Ana frequenta o 7º ano. Até agora, o seu comportamento tem sido normal, nem excessivamente educada nem excessivamente rude. No final do 6º ano, foi a um acampamento e conheceu um grupo de jovens que viviam na zona, mas não eram da sua escola. Os jovens eram ligeiramente mais velhos (15-16 anos) e na sua maioria rapazes. Anna começou a faltar à escola, a faltar às aulas, a regressar tarde a casa e, ultimamente começou até mesmo a consumir cigarros e álcool (diz aos pais que é só cerveja). Os pais estão convencidos de que ela também tem sido sexualmente activa. A mãe marcou uma consulta com um ginecologista, mas a filha anunciou que não ia a lado nenhum. Houve conversas, pedidos/ameaças, restrições e mesmo assim.....nenhum resultado. Ana não vai às reuniões com a psicóloga da escola e, quando vai, não colabora. Recusa-se a ir a um psicólogo particular. A mãe vai sozinha, mas nas consultas recebe sempre as mesmas instruções, de que precisa de falar e de explicar os problemas à Anna.

É impossível controlar a Ana. Quando a acompanhavam à escola, escondia-se na casa de banho e depois fugia. É capaz de fugir de casa pela janela quando é proibida de sair. A mãe é impotente. Ela própria pediu que lhe fosse designado um agente de liberdade condicional, mas isso não a ajudou. Ela própria comunica o desaparecimento da filha à polícia. A mãe pediu à polícia para organizar um confronto para assustar a rapariga e acompanhá-la até ao lar de crianças, mas a polícia não tem autorização para o fazer. Ultimamente, tem pensado em recorrer ao tribunal para restringir os seus direitos parentais sobre a menina e colocá-la numa espécie de centro (para a assustar sobre possíveis consequências para o seu comportamento), mas teme que possa prejudicar os outros filhos com tal acção. Está realmente exausta com o comportamento de Ana. Num momento de dúvida, conclui que está a desligar-se dos outros filhos, e decide concentrar-se nos outros dois filhos, uma vez que a Ana já não pode ser ajudada.

O pai seguiu a mesma abordagem da mãe, mas é tão impotente quanto ela. As crianças desta família sempre foram bem tratadas e cuidadas: A Ana, que tem amigos e uma vida social normal, começa a transformar-se numa péssima influência. É evidente que ela é fortemente influenciada pelos novos amigos.

Os pais desesperados pediram ajuda a um assistente social, que nomeou um assistente familiar, que fez um diagnóstico completo da família e elaborou um plano de ação, com o qual os pais e a filha concordaram.

Estratégia n.º 1: Escuta activa

Os pais tiveram as chamadas "conversas" com a filha, mas limitavam-se a apresentar o seu ponto de vista. Agora, abriram-se ao que a filha tem para lhes dizer. Desta forma, mostram que compreendem os sentimentos e as necessidades da filha.

Estratégia n.º 2: Procura conjunta de soluções

Os pais não impõem a sua vontade à Ana, mas mostram-lhe que se preocupam realmente com ela, pelo que lhe pedem a sua opinião sobre como melhorar as relações familiares (com os pais e os irmãos). A Ana apresentou várias soluções possíveis, que acabaram por coincidir com as expectativas dos pais.

Estratégia n.º 3: Escolher em conjunto a melhor forma de sair do conflito

Ambas as partes concordaram em passar mais tempo uma com a outra para criar as condições necessárias para uma conversa com honestidade e sem julgamentos. Os pais expressaram o desejo de conhecer os colegas da filha, ao que ela respondeu positivamente, mas colocou algumas condições. Os pais esperam que, com o tempo, os seus problemas sejam resolvidos. Talvez também compreendam melhor porque é que este grupo impressiona tanto a sua filha e o que é que o grupo lhe dá, que ela não teve antes..

TAREFAS:

1. Reconhecer o conflito e dar-lhe um nome.
2. Assumir o papel do assistente familiar e da rapariga durante a análise da situação (atividade de *role playing*).
3. Indica os pontos fortes e os pontos fracos da abordagem adotada pelo assistente social para a resolução do conflito.